

AS OBRAS DA SANTIDADE

“Nós fomos criados por Deus para vivermos na prática das boas obras que Ele de antemão preparou para nelas caminharmos.” (Ef 2, 10)

“A santidade não é para mim”, dizemos – ou pensamos – muitas vezes. Admiramos os santos de longe, sem nos aproximarmos demasiado. Imaginamos a vida cristã como uma vida a duas velocidades: a autoestrada para os santos, a estrada esburacada e cheia de curvas e lombas para o “comum dos mortais”.

É aqui que esbarramos com esta afirmação de S. Paulo: as obras da santidade, as obras que nos podem tornar santos, são-nos oferecidas por Deus em cada manhã, para que as façamos. A cada dia, a santidade é-nos oferecida como possibilidade. Ninguém se torna santo se Deus não colocar à sua disposição um conjunto de obras santificantes; e ninguém se torna santo se não aproveitar cada uma destas obras para se santificar.

Obras diárias

Entro no carro de manhã para conduzir até ao trabalho. Estou prestes a ligar o rádio, quando uma voz silenciosa dentro de mim sugere: “E se rezasses o terço?” Entro no carro para a minha hora de almoço. Estou a chegar ao cruzamento que me leva a casa, quando de novo a voz silenciosa sugere: “E se virasses para a rua da igreja e entrasses para rezar cinco minutos antes do teu almoço?” No trabalho, o colega vem ter connosco e queixa-se de um outro colega, contando-nos factos da sua vida privada. De novo, a voz: “Vais escutar esta murmuração? Não tens nada de positivo para acrescentar, defendendo quem não se pode defender?” Já em casa, ao fim do dia, o nosso cônjuge chega atrasado e reparamos que ainda se esqueceu das compras que lhe tínhamos pedido para o jantar. Fazemos má cara e preparamos uma reprimenda, quando a voz cá dentro sussurra: “E se em vez de ralhar, sorrisses e dissesses que não faz mal?”

Oportunidades perdidas

As possibilidades de santidade são imensas ao longo do nosso dia. Nem sempre “chegamos a tempo” a cada uma das obras que nos é oferecida: antes de aceitar o desafio da voz que, cá dentro, nos sugere um caminho diferente, já nós disparámos a reprimenda, virámos na estrada que nos afasta da igreja, comemos o chocolate que queríamos oferecer em sacrifício, despachámos a pessoa que batia à porta dizendo que não temos nada para dar, perdemos a paciência e gritámos com o cônjuge ou fomos demasiado severos com o filho. Perdemos a batalha, mas não a guerra – a guerra contra a “carne” ou o “homem velho”, na linguagem paulina - porque depois de cada derrota, vem a imensa misericórdia do Senhor, em tom imperativo como ao longo de toda a Bíblia: “Levanta-te!” Levantemo-nos e, perdoados, recomeçamos.

Oportunidades ganhas

Como se constrói a santidade? A princípio, nem sequer nos damos conta da possibilidade de escolha que nos é dada a cada momento. Somos como crianças que resolvem os assuntos com uma birra, pois não têm outra forma de o fazer. Dizemos: “Não tenho tempo para rezar.” “Não tenho qualquer forma de fazer as pazes com aquela pessoa.” “Sou assim e pronto, nunca conseguirei mudar.” “Só aos gritos é que ele me ouve!”

Mas à medida que nos apercebemos da voz na nossa consciência a sussurrar-nos alternativas, damos-nos conta de que elas, de facto, existem. Às vezes, requerem um esforço enorme da nossa parte, outras vezes são mais simples do que imaginávamos. Quanto mais praticarmos, maior sucesso teremos, claro. E como em tudo na vida, a prática leva à perfeição. Embora a santidade implique sempre uma luta interior, ela torna-se cada vez mais simples. Santa Teresinha do Menino Jesus escreveu algumas linhas importantíssimas sobre este tema. No seu último manuscrito, contou este pequeno mas ilustrativo episódio:

“Uma ocasião, estava a lavar roupa em frente de uma Irmã que me deitava água suja para o rosto cada vez que erguia os lençóis no lavadouro; o meu primeiro movimento foi recuar, limpando o rosto, para mostrar à Irmã que me aspergia que me faria um grande favor se estivesse quieta, mas logo pensei que era bem tola ao recusar tesouros que me eram dados tão generosamente, e tive todo o cuidado em não deixar transparecer o meu combate. Fiz todo o esforço por desejar receber muita água suja, a tal ponto que no fim tinha verdadeiramente tomado o gosto a este novo género de aspersão, e prometi a mim mesma voltar outra vez a esse feliz lugar onde se recebiam tantos tesouros.” (História de uma Alma)

Quais serão os tesouros de boas obras que o Senhor coloca à nossa disposição? Se estivermos atentos, aquelas mesmas situações que nos fazem sofrer e de que mais nos queixamos são precisamente as que Deus nos oferece como oportunidade de santidade: o emprego cansativo, o colega difícil, o aluno mal-educado, o chefe injusto, o marido ou a esposa implicativos, o filho provocador; a casa que é preciso arrumar, o filho que é preciso educar, o marido ou a esposa que é preciso amar, o pai ou a mãe que é preciso acolher, o pobre, o preso, o doente que é preciso servir, a doença ou o cansaço que é preciso aceitar... a “água suja” que nos é lançada no rosto e que, se quisermos, transformamos no nosso tesouro.

Nós, Jesus!

Sabemos que não estamos sós neste combate: Aquele que nos oferece as boas obras para nelas caminharmos, também nos oferece a graça para o fazermos. “Nós, Jesus!” Rezamos, quando a hora do combate se aproxima. E o Senhor vem em nosso auxílio, partilhando connosco a tarefa que nos pede.

Quando um de nós ganha a batalha, toda a Igreja ganha. A santidade de um é a santidade de todos, e quem se santifica, santifica o mundo um bocadinho mais. A isso se chama Comunhão dos Santos!

“Fomos criados por Deus para vivermos na prática das boas obras...” De boa obra em boa obra, chegaremos um dia à eternidade. Então ser-nos-á dado contemplar a beleza que o mundo adquiriu com o nosso contributo de santidade. E rejubilaremos! *Ámen.*